

N^o de débit _____

REPUBLICA Lisboa

14 NOV. 1969

SECULO (O) Lisboa

VOZ (A) Lisboa

TEATRO EM PARIS

(Continuado da 7.^a página)

Il Porcile de Pier Paolo Pasolini, são bem mais importantes do que as peças até agora apresentadas na Bienal e do que a esmagadora maioria das peças parisienses destes últimos tempos. A droga e a liberdade sexual deixaram de ser propriedade privada e tabu de pequenos grupos. As comunidades sociais de jovens (estilo dinamarquês) multiplicam-se. A busca da felicidade passa cada vez mais pela experiência pessoal, e o «vooyeurisme» perde terreno. A possibilidade de aceder a uma cultura viva, sinónimo de cultura passível de ser aplicada, é cada vez mais ampla.

Assim, para que servem os pequenos emercícios sobre a solidão, os pequenos efeitos técnicos, o brilho de certos êxitos que deixam frios os espectadores (que se queriam participantes)?

A vida é outra coisa.

Três espectáculos

Três e não quatro, porque não vi o primeiro. Brulés Jusqu'aux ressorts, de Alain Dare, Symphonia e Visão Hermética, de Oscar Araiz, e Vincent ou a Amiga das Personalidades, por Maria José Weber.

O espectáculo da Dare, apresentado no Centro Americano, sob o título «Pesquisa da Expressão Contemporânea» é de uma pobreza de imaginação que aflige. O responsável quer fazer-nos crer que o seu texto tem alguma coisa a ver com os escritos do poeta beatnik Allen Ginsberg. Grosseira imitação. Repetição vazia de frases nulas. Tema: Daqui a 4000 anos, depois da 33.^a guerra mundial só restam alguns seres procurando a sua origem. Único meio de a encontrar, a memória. Um personagem desdobrado em quatro, tentando recordar-se. Ora nós, que vivemos no tempo de que essa memória se serve, perdemos a paciência com as banalidades, as frases feitas, o gosto pelo maneirismo e pela situação falsa de que a peça transborda. Um dramalhão sob os ouropéls transparentes do Teatro Pobre, mal compreendido.

Quanto ao argentino Araiz, pergunto-me porque se encontra em tais companhias, já que o seu espectáculo, embora sendo de pesquisa e de jovens se integra sem dificuldade nas largas perspectivas abertas por Béjart. E não acrescenta nada de verdadeiramente novo. A excepcional qualidade do Ballet, a sensibilidade com que Araiz alla som (música de Berlioz, Ligeti, Cage, Cowell, Bark e outros) dança, a integração de palavras guturalizadas no desenrolar da acção, e o efeito tirado da luz, trabalhada, recortada em brancos e negros expressivos, colocam-no indiscutivelmente a par dos grandes nomes da dança. Assim, a sua vinda a Paris é ainda uma operação de prestígio falhada. Falhada

porque deslocada. O Ballet San Martin não deveria estar na Bienal, mas num Festival Internacional de Ballet Moderno (e porque não reallzá-lo em Portugal?).

Quanto a Vincent ou a Amiga das Personalidades...

Dada para pessoas sérias

É, por agora, a peça mais ambiciosa da Bienal. Inscrevendo-se ostensivamente sob a égide de Dada, adaptada de Roberto Musil, a peça é um exemplo flagrante do perigo da cultura mal digerida. Os velhos dadaístas, se a vissem, mais não poderiam do que dizer: qualquer semelhança com Dada é pura coincidência. E nem o desprezo repetidamente proclamado pela arte (mas de que arte se trata?) nem as projecções sobre ecran de textos e desenhos de Picabia (tirados na maioria da revista 391), de Max Ernst, de Arp, de Magritte, de Tzara, de Breton e de outros, consegue negar a realidade, Vincent é uma peça concebida e apresentada tradicionalmente, dirigindo-se a um público «sério» e jogando com ideias sem o mínimo interesse, actualmente: a jovem sedutora, que não ama ninguém; a sua corte constituída pelo músico célebre, o rico filho família, o professor do Instituto, o historiador e o marido «inofensivo»; Vincent, cabotino e oco, bem falante e (oh! paradoxo) detentor das verdades últimas e da moral da história.

Para apreclar o nível do diálogo (brilhante, evidentemente, e tão na moda nas peças que passam em Lisboa), uma pequena frase de Vincent: «Não, não tenho defetos. E esse o meu erro. Se tivesse um único defeito, seria um homem genial».

Os próximos espectáculos são, talvez, menos sombrios, mais enriquecedores: Monsieur X, marionetes; «Obstinação», mimo abstracto; Penélope, de Leonora Carrington; Jazz Teatro, seguido «La chasse au Snark», de Lewis Carroll; «A ordem reina em Berlim», de Franz Wolf.

Esperemos.

Paris, Outubro de 69.

EGÍDIO ALVARO